

O *deutschtum* e a vocação para o trabalho: recriação do modo de vida “alemão - camponês” entre pomeranos no Espírito Santo¹

The deutschtum and the vocation for labor: reproduction of the “german-peasant” way of life among Espírito Santo’s pomeranians

Jamilly Fehlberg²

Paulo Rogério Meira Menandro³

RESUMO: O estudo investigou características do trabalho, das condições em que é realizado, e das concepções sobre ele em grupo de descendentes de pomeranos residentes do interior do estado do Espírito Santo. Foram abordadas as esferas religiosa, educacional e de valores, em referência ao conceito intra-grupal de trabalho. Três aspectos foram destacados: rotina de trabalho, modo de organização do trabalho e momentos de ausência de trabalho. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas com 36 participantes residentes na região rural e na sede de município cuja população é caracterizada por alto percentual de descendentes de pomeranos. Os dados revelam valorização elevada do trabalho, que é a principal - algumas vezes a única - atividade dos integrantes do grupo, em especial para as mulheres. Constatou-se ainda forte articulação entre o modo de organização do trabalho dos descendentes e a moral protestante, resultante da preservação da influência religiosa luterana, cuja atuação contribuiu fortemente para as tradições e para a história cultural do grupo.

Palavras-chave: trabalho; igreja; pomeranos; família; tradição.

ABSTRACT: The present study examined work features, the conditions in which it is performed, and the conceptions about it in a group of Pomeranian descendants living in Espírito Santo state’s countryside. The following spheres were addressed: religious, values and educational, in reference to the intergroup concept of working. Three aspects were highlighted: daily working routine, how work is organized and leisure moments. Data were collected from interviews with 36 participants living in countryside and small districts whose population is characterized by its high number of Pomeranian descendants. Data show that high appreciation of work, which is the mainly activity, sometimes the only, executed by the group members, specially the women. It was found strong articulation of the way work is organized by descendants with the Protestant moral, as a result of the preservation of religious Lutheran influence, which action strongly contributed for the group’s traditions and its cultural history.

Keywords: work; church; pomeranians; family; tradition.

Descendentes de imigrantes pomeranos pioneiros chegaram ao estado do Espírito Santo no ano de 1856 e se instalaram em três colônias: Santa Izabel, Santa Leopoldina e Rio Novo. Do núcleo de Santa Leopoldina irradiaram-se para as regiões montanhosas e fundaram outras localidades ao longo do ciclo de colonização do estado (Fouquet, 1974; Roche, 1968; Pacheco, 1964; Wagemann, 1949). Na atualidade, os descendentes desses pioneiros constituem maioria populacional no município de Santa Maria de Jetibá. Parte deles vive em relativo isolamento social em suas propriedades rurais, muitos trabalhando

¹ O presente trabalho recebeu apoio financeiro do CNPq.

² Doutora em Psicologia; Professora do curso de Psicologia e Pedagogia da Faculdade Pio X – Sergipe, Brasil. E-mail: jamillyfehlberg@gmail.com.

³ Doutor em Psicologia; Professor Titular da Universidade Federal do Espírito Santo – Espírito Santo, Brasil.

em sistema de agricultura familiar, e parte vive na sede do município, predominando o trabalho em atividades de comércio e outros serviços. Em seu cotidiano, diversos aspectos da cultura de origem foram preservados, inclusive a língua pomerana, após transcorrido quase um século e meio desde a chegada dos primeiros imigrantes. O trabalho árduo, dedicado e contínuo é marca importante da identidade social do grupo, pois é fator indispensável para a constituição dos valores e das características de sua pertença a tal grupo (Pacheco, 1994; Schwarz, 1993; Wagemann, 1949).

Existem inúmeros registros históricos que atestam ter sido a Igreja de Confissão Luterana a religião dominante nas colônias de origem germânica no Brasil, pois quando da partida para o novo mundo, essa era a religião professada em alguns dos estados germânicos (Fouquet, 1974; Roche, 1968; Roche, 1969; Wagemann, 1949; Willems, 1980). Ainda que as congregações não tivessem enviado pastores nos primeiros anos da imigração⁴, a religiosidade foi direcionada por pseudo-pastores que faziam as vezes de representantes religiosos, mesmo sem formação para tanto (Dreher, 1984; Hees, 1986). Principalmente no Sul do país essa prática foi difundida devido ao grande número de comunidades e à distância entre elas, mas isso não ocorreu da mesma forma em todos os estados brasileiros (Dreher, 1984; Hees, 1986; Hennig, 1986). O Espírito Santo destoou nesse aspecto, pois, a partir de “1857, o Conselho Superior Eclesiástico da Igreja Territorial da Prússia começou a enviar pastores à Província do Espírito Santo. (...) Essa atividade do Conselho Superior eclesiástico manteve-se inicialmente restrita ao Espírito Santo” (Dreher, 1984, p. 54), tendo sido ampliada para outros estados somente décadas mais tarde.

O pronto estabelecimento da assistência de pastores protestantes ao grupo estudado parece ter cooperado para a coesão dos núcleos formados a partir do assentamento dos colonos teutos, pois pode-se afirmar que a presença de uma pessoa investida de poder reconhecido como superior pelo grupo é fator agregador, contribuindo para a definição, a organização e a coesão grupal (Pereira, 2001).

Trata-se de fato importante na caracterização do grupo estudado e que parece apontar um caminho com vistas à identificação do fator trabalho como um dos componentes da identidade social do grupo de descendentes que ainda residem na região pioneira. A unanimidade de prática religiosa, assim como a predominância da língua pomerana podem ser citadas como características diferenciadoras do grupo.

Por conseguinte, aponta-se a presença de um dirigente religioso ativo e relevante na comunidade como um dos fatores que auxiliaram nas restrições de trânsito entre os limites grupais, caracterizando, então, “língua e religião como dois fatores inseparáveis” (Koch, 2003, p. 201). De acordo com Droogers (2008) a igreja luterana, em certo sentido, contribuiu para o isolamento do referido grupo, pois promoveu a reprodução da língua alemã em seus rituais, mantendo um contexto de segurança para o fiel, no sentido de recriar um *Heimat*⁵ no contexto religioso (Seyferth, 1981).

O quadro apresentado acerca do isolamento geográfico, religioso e cultural reforça a perspectiva etnocêntrica de valorização de características próprias do grupo, com o que, portanto, são mantidas pelo grupo em detrimento de outras características que lhe são

⁴ Salvo para o Espírito Santo e Rio de Janeiro que receberam pastores no ano seguinte à vinda dos pioneiros (Dreher, 1984).

⁵ *Heimat* = das Land, die Gegend, (wie) zu Hause fühlt (Götz, Haensch e Wellmann, 2008), que pode ser traduzido como o país, a região, (como) se sentir em casa (Keller, 2002).

estranhas (Tajfel, 1982, 1983). O privilégio de aspectos ligados à nação alemã, de forma efetiva, foi acentuado pela reprodução do *Deutschtum*, mormente através da influência dos pastores alemães enviados ao Brasil após 1900 (Seyferth, 2000). Esse conceito implica uma pressuposição de superioridade da raça alemã sobre as demais, pois compôs uma identidade grupal de “colono alemão” como mais trabalhador, mais organizado e mais determinado, em comparação ao grupo dos “não alemães” (Wagemann, 1949; Roque, 1968; Fouquet, 1974; Pacheco, 1994).

A ideologia alemã difundida nas igrejas e nas escolas influenciou os modos de viver as relações cotidianas e o trabalho. Está em jogo, como destacou Weber (1905/2007) em seu estudo clássico, a admissão de que o fruto do trabalho na forma de acúmulo de bens e dinheiro é uma bonificação legítima e fonte de prazer em si mesmo, o que difere da perspectiva católica que prega o ascetismo monástico.

De fato o *summum bonum* dessa ética, o ganhar mais e mais dinheiro, combinado com o afastamento estrito de todo prazer espontâneo de viver (...); é pensado tão puramente como um fim em si mesmo, que do ponto de vista da felicidade ou da utilidade para o indivíduo parece algo transcendental e completamente irracional. O homem é dominado pela geração de dinheiro, pela aquisição como propósito final da vida. A aquisição econômica não mais está subordinada ao homem como um meio para a satisfação de suas necessidades materiais (Weber, 1905/2007, p. 51).

Nesse sentido, a valorização do trabalho não se dá apenas pela condição de sustentabilidade do grupo e do indivíduo, mas como fórmula para alcançar virtudes proporcionadas pelo acúmulo de capital. Entretanto, no caso específico do grupo investigado no presente trabalho, esse acúmulo de capital é pouco perceptível como tal, uma vez que é aplicado em bens relacionados ao aperfeiçoamento do próprio trabalho, como veículos de carga e tratores, entre outros bens. A forma como os integrantes do grupo estudado se relacionam aos valores associados à religião e ao trabalho evidencia que a dedicação ao trabalho é um valor maior para o grupo. Há valorização do trabalho quase como um fim em si mesmo. É possível notar que isso se dá em detrimento de outras possibilidades muito valorizadas em outros grupos, como, por exemplo, formas de lazer atualmente muito difundidas, mesmo entre os jovens. Wagemann (1949) menciona como outro exemplo significativo a despreocupação quanto à vaidade e em termos de cuidados com o próprio corpo e com a saúde.

Uma das teses de Lutero foi a de que a divindade (Deus) atribuiria a cada indivíduo uma vocação - *Beruf* - que significa a responsabilidade de desenvolver seu ofício da melhor maneira possível. Essa vocação consistia “em um chamado de Deus para a realização de um trabalho secular ou missão. Valorizava assim o cumprimento do dever” (Borges & Yamamoto, 2004, p. 31). Lutero criticava o acúmulo de riquezas da Igreja Católica bem como o acúmulo de dinheiro pela burguesia industrial nascente, apontando o que considerava erros na religião católica dominante na Europa da época.

Quando Lutero traduziu a Bíblia para o alemão introduziu responsabilidades do indivíduo pela sua religiosidade, destacando que cada indivíduo poderia administrar sua relação com a divindade e com a vocação que lhe caberia exercer. Em seus escritos, Lutero destaca a importância da conquista diária da salvação, pois para ele a fé é expressa nos atos humanos diários, cotidianos, e não somente em alguns momentos na Igreja e por intermédio de um representante (Bornkamm & Ebeling, 1995).

Nessa linha de pensamento, a salvação da alma apenas por meio do melhor cumprimento da vocação remete também à ideia de que quanto mais árduo, mais valorizado é esse destino. Logo, não restam muitas opções para os indivíduos que querem ser salvos, a não ser cumprir cada vez com mais afinco suas obrigações. O camponês que se dispõe a trabalhar na terra precisa, então, cada vez mais trabalhar e produzir para investir na produção, para que esta fique cada vez maior e sua vocação seja cada vez mais bem cumprida. Pode-se perceber o impacto desses princípios na rotina dos trabalhadores rurais da região que, em geral, têm “pouco tempo para lazer ou descanso, quase não usufruindo os recursos de conforto disponíveis”, sendo constatável entre descendentes a “ênfase na rotina diária voltada quase exclusivamente ao trabalho, com raros momentos de descanso ou lazer grupal e individual” (Fehlberg & Menandro, 2011, p. 85). Mais adiante serão apresentados resultados nos quais se evidencia que a rotina laboral ocupa todos os dias da semana, com reserva de algum tempo de lazer relacionado à igreja, principalmente.

Paiva (2003) registrou que o advento do protestantismo de Lutero alterou a *weltanschauung*⁶ ocidental, redefinindo a noção de cidadania ao facultar ao indivíduo tanto a liberdade de expressão como a interpretação de sua fé, propondo que o indivíduo atue diretamente na busca de seus direitos de expressão e de vida.

É importante destacar que em meio aos valores germânicos transmitidos e reinventados (Dreher, 1984), foram transmitidos valores fundamentais para a ideologia capitalista (composição básica da concepção luterana), destacados como valores positivos para a pertença ao grupo de fiéis. Com isso, é possível dizer que a igreja teve papel preponderante na constituição do conceito de trabalho para o grupo em questão, que se tornou parte do auto-conceito consolidado do grupo.

O conceito de vocação foi, pois, introduzido no dogma central de todas as denominações protestantes e descartado pela divisão católica de preceitos éticos em *praecepta e consilia*. O único modo de vida aceitável por Deus não estava na superação da moralidade mundana pelo ascetismo monástico, mas unicamente no cumprimento das obrigações impostas ao indivíduo pela sua posição no mundo. Essa era sua vocação (Weber, 1905/2007, p. 70).

No estudo desenvolvido percebeu-se a manutenção de valores e referenciais que levam os integrantes do grupo a se identificarem como “alemães” ou “pomeranos”, mesmo que nascidos e residentes no Brasil. É notório que há manutenção da língua e de costumes no grupo estudado, pois a grande maioria dos entrevistados fala a língua pomerana (Pacheco, 1964, 1994; Roche, 1969; Seyferth, 2005). É fato que esse grupo manteve valores germânicos que são ainda reproduzidos e estão vivamente presentes em várias manifestações culturais, como no uso corriqueiro da língua, desfiles de roupas típicas em festa regionais, entre outros.

Para Gertz (1987) os elementos identitários dos grupos de descendentes germânicos que se radicaram no campo mantiveram-se pelas próprias características que definem a vida do camponês. Segundo esse autor, o modo de vida e o cotidiano da lida diária com a terra, que pode ser descrito como um tipo de trabalho repetitivo, promovem a manutenção de valores que são reproduzidos. Nesse sentido, a rotina laboral favorece interpretação e elaboração sobre o contexto pouco expressivas, porque as características de repetição árdua e do uso da força física nela predominam, em geral.

⁶ *weltanschauung* = bestimmte Ansicht über den Sinn des Lebens (Götz, Haensch e Wellmann, 2008), cuja tradução para o português seria: uma visão particular sobre o sentido da vida (Keller, 2002).

Nas zonas de colonização germânicas no Brasil não houve apenas mera reprodução dos costumes em vigor nos países de origem (Längin, 1995; Roche, 1969; Willems, 1980; Vogt, 2009). Houve, isso sim, adaptações ao modo de vida rural nas novas condições em que se apresentava, uma vez que os imigrantes pioneiros foram assentados em pequenas glebas, quase sempre com 25 a 30 hectares, destinadas à agricultura familiar de pequena extensão (Seyferth, 2009a, 2009b; Roche, 1969; Rölke, 1996; Wagemann, 1949).

O modo de organização da vida camponesa enfatiza a produção de alimentos para a própria subsistência, com comercialização apenas dos excedentes da produção (Marques, 2008; Seyferth, 2009b). Entretanto, em relação ao trabalho entre os camponeses de imigração germânica “desde o início da colonização houve a produção de itens especificamente voltados ao mercado” (Seyferth, 2009b, p. 284), apesar de contar, exclusivamente, com a mão de obra familiar. Trata-se de um modo de organização que não corresponde, de forma exata, ao conceito de agricultura familiar propriamente dita.

Ao longo do tempo, o modo de organização das propriedades dos colonos sofreu algumas mudanças, pelo menos no que diz respeito às propriedades capixabas (Fehlberg & Menandro, 2011). Os agricultores intensificaram a produção e a comercialização de excedentes, principalmente porque o tamanho das propriedades, em geral, diminuiu no transcorrer das gerações.

Na verdade, o movimento de intensificação da produção voltada ao mercado interno e mesmo à exportação, em alguns casos, acompanha a tendência nacional de intensificação da produção para atender as demandas de mercado (Albuquerque, 2002). A concentração de grandes propriedades produzindo culturas únicas e de tecnologias avançadas é apontada como tendência nacional a partir da década de 1970, principalmente em áreas de fronteira agrícola como as regiões Centro-Oeste e Norte do país (Gasques & Conceição, 2001). Entretanto, no grupo estudado, por questões ligadas à partilha da terra e à descendência consanguínea, as propriedades se tornam cada vez menores (Bahia, 2000).

A partir da década de 80, a agricultura familiar passou a assumir a condição de configuração em declínio em termos de modelos de agricultura preponderantes no país, mas ao mesmo tempo começou a ser tema de interesse para estudos. Principalmente a partir de 1990, com a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUCED), também conhecida como Rio-92 (Assis, 2008), na qual foram privilegiadas discussões sobre desenvolvimento sustentável, geração de emprego e renda, e preservação do meio ambiente – todos eles conceitos que atingiam diretamente o ambiente rural (Fialho, 2005). Conterato, Gazolla e Schneider (2007) ressaltam a importância desses temas quanto às possibilidades que implicam no sentido de “tornar o meio rural dinâmico e capaz de manter e atrair a população. Isso resultaria num aumento do nível do bem-estar tanto da população rural como urbana” (p. 109). Com isso, o meio rural passou a ser alvo de valorização, não apenas em seu sentido próprio - como modo de organização socioeconômica - mas também no sentido de uma oportunidade diferencial para reconstrução de valores. A revalorização do rural como alternativa sustentável e positiva, assim como investimento para um futuro menos catastrófico tanto para o ambiente quanto para as relações humanas, de fato alterou a imagem desse contexto e influenciou investimentos públicos. O poder público, acompanhando essa idéia, investe e incentiva manifestações culturais locais (artesanato, turismo ecológico), atraindo a população para participar dos eventos incrementando a economia da região (Fialho, 2005).

Gertz (1987) propõe que a sociedade campestre de descendência germânica, com sua característica de agricultura familiar e modo de vida campestre, favoreceu a manutenção dos aspectos ligados ao *Deutschtum*. O peso da tradição e da rigidez na transmissão de valores são aspectos importantes para entender a manutenção do uso da língua de uma geração para outra, assim como da conservação de concepções e práticas relativas ao trabalho, às relações de parentesco, aos matrimônios, entre outros elementos culturais. Percebe-se que a moderna tendência de revalorização da agricultura familiar e do modo de vida campestre contribui de forma positiva para alterações da identidade social camponesa, decorrente da valorização da pertença ao grupo (Tajfel, 1983).

Essa positividade parece possuir relação com a construção histórico-cultural que vem acontecendo em relação ao conceito trabalho como um valor agregador ao grupo. O trabalho, como veremos mais adiante nos resultados da pesquisa, parece ser fator central em muitas das formas de identificação interna aos membros do grupo.

Metodologia

Foram entrevistados trinta e seis homens e mulheres que descendem de imigrantes pomeranos, residentes em um município de Região Serrana do Espírito Santo. Dezesete deles estão radicados na região rural do município (dez mulheres e sete homens), e os demais dezenove entrevistados vivem na sede do município (dez mulheres e nove homens). Os entrevistados residentes no campo possuem pequenas propriedades rurais onde trabalham em sistema de agricultura familiar, sendo esse trabalho, em alguns casos, conjugado com outras atividades viáveis na mesma propriedade, como avicultura e manufatura de produtos artesanais do gênero alimentício destinados à comercialização em feiras livres. Os entrevistados residentes na região urbana, em sua grande maioria, trabalham em atividades ligadas ao comércio e à prestação de serviços.

Os dados foram coletados utilizando-se a entrevista narrativa semiestruturada conduzida a partir de roteiro pré-estipulado que foi submetido a teste (Flick, 2004). O roteiro foi utilizado em três pré-testes com a finalidade de verificar a adequada compreensão das questões pelos participantes e para aferir sua capacidade de gerar respostas compatíveis com os objetivos da investigação (Rosa, 2006). As perguntas foram direcionadas especificamente para o cotidiano dos indivíduos residentes no campo. Considerando que a grande maioria dos entrevistados residentes na sede do município já viveram no campo, ou tem contato frequente com parentes que residem no campo, o roteiro de entrevista utilizado com eles conjugava questões relativas ao seu cotidiano com outras referentes à população rural e ao ambiente do campo (Biasoli-Alves & Dias da Silva, 1992; Weber & Dessen, 2009). Todas as entrevistas foram realizadas pela pesquisadora responsável pela coleta de dados ou em sua presença, nos casos em que houve participação de tradutor. Foram utilizados dois roteiros de entrevistas. O primeiro deles, direcionado aos participantes que ainda residem na região rural do município em “colônias” (Seyferth, 2004), designado como grupo CAMPO. O segundo roteiro, diferente em diversos pontos, tinha como foco os participantes residentes fora do campo, identificado como grupo SEDE, e incluiu questões relativas aos seus conhecimentos sobre o grupo CAMPO.

No primeiro momento da pesquisa foi feito o trabalho de identificação das residências de famílias de descendentes do grupo CAMPO, com a colaboração de líderes comunitários das regiões visitadas no município de Santa Maria de Jetibá, e a seguir foram agendados

encontros para solicitar participação e realizar as entrevistas. Participantes residentes na sede de Santa Maria de Jetibá, que compõem o grupo SEDE, foram contatados em suas residências a partir de indicações iniciais de funcionários da Prefeitura Municipal, exceto nos casos em que já eram conhecidos dos responsáveis pela pesquisa. A cada entrevistado foi solicitada a indicação de outros possíveis participantes, utilizando “amostra de conveniência” (procedimento de constituição do conjunto de participantes por bola-de-neve, Turato, 2003). Todo o processo foi gravado, mediante autorização do entrevistado, e as transcrições foram providenciadas nos dias seguintes.

Os dados foram organizados de modo a permitirem análise inicial das características gerais dos dois grupos, ao que se seguiu uma comparação entre esses grupos. O tema trabalho foi abordado em três aspectos: rotina de trabalho, modo de organização do trabalho e momentos de ausência de trabalho. Os dados obtidos foram analisados abordando-se as respostas dos participantes residentes no campo sobre si mesmos, e comparando-as com as respostas dos participantes que vivem na sede referentes à população de descendentes que permanece no campo. Para o trabalho com o material textual resultante das entrevistas optou-se pela utilização do método de Análise de Conteúdo (Bardin, 1979; Bauer, 2002).

Resultados

Fica evidente nos extratos de relatos dos entrevistados do Grupo CAMPO⁷ que o trabalho na lavoura domina a rotina diária de tal forma que as demais atividades parecem ocorrer apenas para viabilizar a continuidade das atividades laborais no dia seguinte, aí incluídas outras formas de trabalho, tanto dos homens (por exemplo: comercializar a produção) como das mulheres (por exemplo: cuidar da casa). Mesmo em famílias nas quais um dos membros tenha trabalho fora do contexto rural, a rotina laboral permanece similar para os demais que permanecem na propriedade.

É interessante notar que a indagação sobre a rotina diária foi uma das perguntas que foi respondida com maior facilidade e desenvoltura pelos entrevistados. A existência de uma rotina que se repete a cada novo dia está presente nas respostas, não sendo incomuns expressões como “meu dia-a-dia praticamente só se repete” ou “é sempre a mesma rotina”.

Nos relatos colhidos foi encontrado um esquema bastante rígido de trabalho que compreende a rotina semanal dos residentes do campo, assim como o relatado por Fehlberg e Menandro (2011). Entretanto, no caso dos produtores de “tempero”⁸ a rotina semanal inclui também os sábados, domingos e feriados. Isso acontece porque são produtos perecíveis em curto prazo de tempo, e que devido à sua fragilidade têm pequena vida útil entre a colheita e o consumo.

O esquema de trabalho acompanha a dinâmica rígida de acordar entre cinco e seis horas da manhã, horário no qual todos possuem seus afazeres: às mulheres cabe fazer o café da manhã e colocar a mesa; ao homem cabe tratar dos animais domésticos e arrumar os utensílios para o trabalho na lavoura. Na maioria dos relatos às seis horas todos os

⁷ Considerou-se que a transcrição de alguns relatos dos entrevistados é importante pelo fato de retratarem com riqueza de detalhes o que caracteriza a rotina diária nas formas de organização do trabalho familiar que foram constatadas.

⁸ “Produtores de tempero” é o termo utilizado pelo grupo para designar os produtores de folhagens tanto entre as usadas como condimentos, quanto as que são servidas em saladas, como: salsinha, coentro, rúcula, agrião, brócolis, chicória, etc.

integrantes da família que trabalham na lavoura já estão realizando suas atividades⁹. Por volta das dez horas a mulher retorna a casa para fazer o almoço. Em seguida, entre dez e meia e onze horas o restante dos membros retornam a casa para se alimentar. Permanecem na casa até por volta das treze horas, retornando novamente para a lavoura entre doze e treze horas, onde permanecem até por volta das quinze horas, quando retornam para o “café” da tarde. Após a alimentação encaminham-se novamente para a lavoura onde permanecem até “o escuro”, trabalhando até dezoito ou dezenove horas¹⁰.

Não há consenso sobre horários precisos, mas registra-se que a rotina se repete com poucas alterações nos hábitos laborais entre as estações do ano. O grupo de agricultores que trabalham com “tempero”, precisam repetir a rotina no fim de semana, além de acrescentar ainda o trabalho noturno do dia anterior à venda dos produtos, até a finalização das amarrações dos feixes de vegetais.

Muitos dos relatos colhidos são similares, evidenciando que as rotinas são quase as mesmas, variando quanto ao fato do casal trabalhar apenas na lavoura, dividir o tempo entre lavoura e outro negócio, ou aqueles casos em que apenas um dos membros do casal trabalha na lavoura enquanto seu cônjuge trabalha em outra atividade. É interessante ressaltar que a menção à dureza do trabalho e à rotina pesada fornece indícios de não se apresentar em tom de inconformismo, como a indicar que a pessoa gostaria de alterar sua forma de vida. Aparentemente, os relatos sobre rotina de trabalho são pouco marcados por expressões emocionais. Eles são descritivos, essencialmente, e é como se referissem a algo que não poderia ser diferente, de forma que não foram encontradas considerações de natureza afetiva, sejam positivas ou negativas. A compreensão de tais relatos aponta para a significação do trabalho como parte essencial da identidade do grupo, como valor importante para a constituição do núcleo que identifica o “ser pomerano”, compondo quase a totalidade da rotina familiar. Segue-se um exemplo desse tipo de relato:

Todo dia é roça, e um dia na semana eu vou para a CEASA vender as coisas. [Geralmente é em que dia?] Quinta-feira, aí eu vou na quarta à noite para vender na quinta. Diariamente é 5 horas da manhã, toma café e começamos a trabalhar. [E o senhor volta que horas?] Às 10:30, 11 horas. [E o senhor retorna que horas?] Depende porque a roça a gente não tem muito como ficar parado, tem que tirar leite, olhar as vacas, essas coisas. E lá pelas 12 horas a gente volta. [O sol não está muito quente?] É difícil, mas tem que trabalhar. A gente trabalha mais na roça, mexe com tempero, folhagem. De manhã um vai para lá e já vai arrancando e outro vem trazendo e amarrando. [E à noite?] Vem descansar, mas igual quarta, a gente trabalha até 7 horas da noite para levar tudo embalado (CM13, 50 anos).

Também apareceram alguns poucos relatos que fogem do modelo de pouca expressão emocional, como aqueles em que podem ser constatadas menções diretas ao fato de que, apesar de todo o esforço, a pessoa cumpre suas tarefas com satisfação - tal como explicitado no exemplo reproduzido abaixo:

Eu acordo às 5 horas e eu gosto muito de trabalhar na roça. Aí eu faço uma coisinha ali na cozinha, faço o café e vou pra roça. Aí ali pra 10:00 horas eu volto para casa e faço almoço para nós, e ali para 11 e 30 h eu vou para a roça de novo. Às duas horas eu volto para tomar café, aí eu chego em casa, aí lá pelas 5 horas eu volto pra roça (CF14, 62 anos).

Ao falarem sobre trabalho os integrantes do grupo estudado mencionam as atividades na lavoura com maior ênfase, aparecendo a manutenção da casa apenas como necessidade

⁹ Em algumas famílias esse horário teve variação de meia hora, iniciando o trabalho por volta das seis e meia da manhã.

¹⁰ Geralmente permanecem até enquanto ainda há luz solar, o que depende da época do ano e do horário de verão.

resultante da sobrevivência diária e como suporte para atividades na lavoura, que seria a verdadeira vocação do grupo, podendo ser lembrada aqui o vínculo do trabalho com a perspectiva religiosa do grupo (Weber, 1905/2007). O trabalho integra, como elemento central, a identidade social desse grupo, e é parte essencial do estereótipo com o qual é identificado pelos componentes de outros grupos (Tajfel, 1982, 1983). Historicamente, os valores sociais e as categorias com os quais os imigrantes pomeranos pioneiros e seus descendentes foram identificados, confluíram para relacioná-los ao trabalho árduo e contínuo, não obstante também terem proporcionado que outras características, como pouco instruído e ingênuo, surgissem (Aranha, 2002; Pacheco, 1994; Roche, 1968; Saletto, 1996; Wagemann, 1949). O trecho abaixo é ilustrativo:

A experiência desse povo no trabalho junto a terra é milenar. Para comprovar isso, basta visitá-los no Espírito Santo, entre montanhas e vales. Com todos os percalços durante o ano (seca, chuvas fortes, frio, sol escaldante), eles abastecem grandemente outras regiões vizinhas e a capital Vitória (Heinemann, 2008, p. 07).

Ao descreverem as atividades do seu dia-a-dia os entrevistados do Grupo CAMPO quase não mencionaram atividades de lazer. Em outro momento da entrevista foram apresentadas questões diretas sobre lazer, que resultaram, como será visto em seção posterior do texto, na descrição de um conjunto de atividades que ocorrem, com maior frequência em um dos dias do fim de semana. Apenas duas entrevistadas mencionaram atividades que não caracterizam trabalho na lavoura ou trabalho doméstico quando falaram de sua rotina diária, sendo que um dos casos refere-se a uma rápida olhada na televisão antes de dormir.

As respostas dos entrevistados do Grupo SEDE, que também foram convidados a falar sobre a rotina diária dos descendentes que vivem na região rural, corroboram os relatos que os participantes do Grupo CAMPO fizeram sobre suas rotinas diárias, reconhecendo de forma explícita o fato de que se trabalha muito. Algumas respostas acrescentam certa ênfase no fato das mulheres trabalharem excessivamente. Como exemplo destaca-se a fala de uma descendente que vive na sede do município:

Eles começam bem cedo, 5 horas já levantam, principalmente as mulheres. [Para mulheres é diferente?] É sim porque ela levanta, tem que fazer o café, tratar da criação, já é bem diferente. O homem levanta depois, toma o café depois vai pra roça. A mulher volta na frente, ou ela faz a comida de manhã bem cedinho e vai uma meia hora depois para casa pra fazer o almoço ou depois ela arruma a cozinha ou muitas vezes nem arruma deixa pra noite mesmo, igual minha mãe aí nós almoçava e dependendo do que estão fazendo não pode perder tempo muito em casa, agora estão mexendo com folhagem, e você tem que comer rapidinho e voltar de novo pra roça, para cuidar da verdura. E a noite eles ficam até 12 horas amarrando as verdura e de lá já lota o caminhão e já sai pra vender na CEASA (SF3, 28 anos).

Dez entre os dezessete entrevistados do campo afirmam não terem tempo de ausência de trabalho. Pelo contrário, afirmam que trabalham o tempo todo. Essa informação coincide com os produtores de “temperos” e “verduras” e produtores de morango, pela necessidade de cuidados extremos com a cultura com a qual trabalham.

Considerou-se que informações sobre a natureza das atividades de lazer dos participantes do Grupo CAMPO, cuja atividade principal envolve trabalho contínuo na lavoura, podem ser importantes para melhor compreensão da realidade vivida por eles.

Os dados obtidos com os participantes do Grupo CAMPO referem-se às suas próprias atividades de lazer, enquanto os participantes do Grupo SEDE responderam sobre o que conhecem das atividades de lazer dos moradores do campo.

Tabela 1 - Atividades de lazer realizadas pelo Grupo CAMPO, segundo seus próprios integrantes e segundo os participantes que vivem na sede do município.

SEDE	Ocorrências	CAMPO	Ocorrências
Igreja Dominical	7	Atividades (laborais) na residência	9
Visitar vizinhos	7	Festa de Casamento	6
Atividades (laborais) na residência	5	Igreja Dominical	5
Futebol	5	Visitar parentes e vizinhos	5
Bar	5	Passeio de carro	4
Festa de Casamento	4	Futebol	4
Festas Cidade	4	Ouvir música	3
Caçar	1	Somente trabalho	3
Ausência de Lazer	3	Bar	1
		Programa Terceira Idade	1

Como os resultados apresentados acima evidenciam, as formas de lazer que foram relacionadas são bastante coincidentes nos dois grupos. Um exemplo é o da categoria “atividades (laborais) na residência” que apareceu como uma das mais frequentes em ambos os grupos. Nessa categoria estão englobadas atividades de arrumação e limpeza da casa, de cuidado com animais domésticos e ou animais para abate, de manutenção do espaço em torno da casa, de feitura de alimentos para abastecer a semana (como pão), de lavagem de roupas, etc. Essas atividades foram relacionadas pelos entrevistados como atividades de lazer, como se fosse lazer apenas por diferir das atividades próprias da lavoura. Por essa razão decidiu-se incluir a palavra “laborais” na denominação da categoria, já que as atividades mencionadas constituem afazeres de natureza obrigatória e indispensável que poderiam ser melhor classificadas como trabalho, e não como lazer.

Outras atividades mencionadas com freqüência expressiva foram as de participação em “Festa de casamento” e a presença na cerimônia religiosa realizada aos domingos – identificada como “Igreja Dominical”, ambas de cunho religioso e festivo. Para o grupo estudado, tanto a Festa de Casamento, que envolve cerimônia na igreja, quanto a “missa” aos domingos, são eventos sociais nos quais as famílias, vizinhos e amigos do entorno se encontram, não somente pela motivação da atividade religiosa em si, mas também como forma de troca de informações e experiências, de interação social. Tais atividades também expressam diferenciação entre os sexos. Segundo Droogers (1984), as atividades religiosas estariam mais ligadas às mulheres do que aos homens, pois “mesmo tendo líderes masculinos, a religião é muito mais campo de atuação de mulheres do que de homens” (p. 42). De acordo com esse mesmo autor, a educação religiosa fica a cargo das mulheres que permanecem a maior parte do tempo em casa com os filhos enquanto o homem sai para fazer negócios ou se reunir com outros na venda (bar). Ele também descreve a presença masculina nas atividades religiosas como uma presença passiva durante a celebração, porém ativa no encontro social anterior ou posterior a esta, situações que lhes permitem realização de negócios e atualizações sobre a produção e os mercados.

Os resultados encontrados coincidem com a literatura pertinente ao revelar a atividade religiosa como uma das fontes de lazer e como instrumento de socialização endogrupal. Segundo Willems (1980), havia nas regiões de onde os imigrantes provieram

várias atividades recreativas destinadas às populações germânicas campesinas, como campos de boliche, cavalgadas e associações de tiro, entre outras. O autor registra que tais atividades foram sendo extintas em muitas comunidades, inclusive nas radicadas no Espírito Santo, nas quais “a missa dominical e as festas religiosas representam a única forma de recreação” (p. 408). Tal realidade foi documentada há várias décadas por historiadores como Roche (1968), que verificou ser “normal em famílias muito fervorosas o domingo sempre dedicado ao lazer e consagrado, primeiro, ao serviço divino, chamado uniformemente de “missa”, tanto por protestantes quanto por católicos” (p. 266). Os dados encontrados no presente estudo confirmam no tempo atual a citada constatação, que remonta à década de 1960.

Ainda assim, é importante ressaltar que quatro entrevistados do Grupo CAMPO e cinco do Grupo SEDE mencionaram uma atividade esportiva coletiva que é o futebol, o que mostra adaptação a uma realidade cultural local, posto ser o futebol uma das grandes paixões dos brasileiros. Além disso, tal atividade pode servir a propósitos paralelos, como argumenta Droogers (1984): “o futebol e a venda, com o seu bar, seriam muito mais da esfera dos homens, onde podem discutir negócios, trabalho e lavoura” (p. 42). Também são citadas as Festas Urbanas como uma das fontes de lazer, festas essas que muitas vezes têm cunho étnico, e que ganham um atrativo especial diante da importância do desenvolvimento sustentável. É notório que as festas e atividades de cunho religioso possuem importância crucial na composição das categorias identitárias de diferenciação grupal, porém outras atividades também se mostraram significativas para o grupo.

A “Festa de Casamento”, mencionada por dez participantes constitui momento de socialização endogrupal de grande relevância, além de ter ligação estreita com a religiosidade. No grupo estudado vários foram os depoimentos que apontaram tal acontecimento como ponto de encontros e de fortalecimento da cultura local, mas também como contexto que propicia consumo abusivo de bebida alcoólica e violência.

As Festas de Casamento duram, em média, três dias, mas os preparativos iniciam-se pelo menos quinze dias antes da cerimônia, mobilizando um conjunto de vizinhos em mutirão para preparativos como abate de animais, feitura do barracão onde será realizado o baile, a típica cerimônia do quebra-louças protagonizada pelos noivos, entre outros (Foerste & Jacob, 1997; Granzow, 1982; Wachholz, 2008). Tudo isso, de acordo com Granzow (1982), acompanhado de muita alegria expressada através de fogos de artifício, ao som da concertina. A natureza agregadora do evento é algo a ser destacado, uma vez que nessa festa as mulheres coordenam os preparativos, principalmente a mãe da noiva, reunindo parentes e vizinhos em mutirão para cozinhar, servir e para coordenar o ritual de quebra louças (Fehlberg & Menandro, 2011).

O casamento é um dos ritos de caráter social mais importantes da cultura pomerana. Por isso, a fartura de alimentos e bebida pode ser uma característica. As festas de casamento geralmente duram três dias. O grande número de convidados tem como objetivo a reafirmação dos laços de parentesco e amizade entre familiares e vizinhos. O convidador, que vai de casa em casa realizar o convite para o casamento cerca de um mês antes, é o irmão solteiro do noivo ou da noiva. Ele provoca alvoroço no caminho por onde passa, de forma que não passa despercebido. Em língua pomerana, ele recita o convite na sala da família a ser convidada. Após o convite, oferece um gole de cachaça. O aceite da bebida e uma gorjeta é sinônimo de confirmação da presença na festa. Em sinal de agradecimento, a dona da casa prega uma fita colorida nas costas da camisa do convidador como forma de agradecimento. Portanto, o papel dele pode ser considerado como aquele que vai iniciar a “costura” dos laços entre todos que se encontrarão na festa do casamento (Wachholz, 2008, p. 15).

Para os envolvidos a festa de casamento é um rito de reafirmação dos vínculos com o grupo (Droogers, 1984; Thies, 2008), tamanha sua importância social. Também no sul do país essas festas costumam agregar muitas pessoas em rituais semelhantes aos encontrados no Espírito Santo. Como destacado em outro momento do texto, à mulher cabe, por seu próprio papel no grupo, a responsabilidade em relação à transmissão de valores ligados ao estereótipo grupal, no sentido da manutenção de momentos sociais nos quais a reprodução cultural acontece. A exemplo das festas religiosas, dos momentos de trabalho em família ao redor da casa, do cuidado próximo com os filhos, tem-se oportunidades de transmissão da língua, costumes, rituais sociais e manutenção do *status quo* grupal. Como constatou Heinemann (2008), a mulher descendente de pomeranos “que reside no campo geralmente é quieta, reservada e aparentemente desconfiada”, mas é graças à participação feminina na família que a “língua pomerana ainda é mantida e falada em todos os núcleos de descendentes, no Brasil. Sem elas, a língua já teria sido extinta” (p. 08).

No grupo CAMPO, a vinculação à igreja proporciona outros momentos de interação entre os membros, pois há atividades excedentes nas quais são estimuladas manifestações culturais que reúnem os membros do Grupo CAMPO em momentos de sociabilidade, o que, provavelmente, seria difícil levar adiante na ausência do estímulo religioso, ainda mais considerando a carga laboral exaustiva e a distância entre as propriedades. Assim, a Igreja funciona como um elo entre os membros da comunidade, principalmente em momentos de lazer (Droogers, 1984, 2008; Wagemann, 1949; Roche, 1969). As mulheres com mais idade (5 participantes), relataram participar não somente das reuniões e cultos, mas também das festas religiosas e dos casamentos, como cozinheiras, tendo sido observado que esta última atividade aparece nos relatos associada a grande contentamento dos entrevistados do grupo CAMPO.

Sim, eu gosto de ir no culto. [E a senhora participa das atividades?] Sim, quando é alguma coisa para ajudar pagar dízimo... quando tem festa eu ajudo e tudo que tem eu ajudo. [Ajuda na cozinha nos casamentos?] [risos] É eu gosto de cozinhar e ajudar na igreja (CF14, 62 anos).

Ela vai na terceira idade quando tem e ela vai à Igreja. Quando tem alguma coisa ela participa de tudo. Ela se acha muito difícil, pois não tem estudo para participar da diretoria, por exemplo, porque lá precisa escrever e anotar e ela não sabe, mas na reunião ela vai. Toda festa que tem ela cozinha (CF15, 54 anos).

Alguns indivíduos relatam, com certo pesar, não conseguir participar ativamente das atividades da igreja em virtude da carga de trabalho extenuante que cumprem todo dia. Essa queixa de pouco tempo disponível para dedicação à igreja (e até mesmo às atividades de lazer) é encontrada com maior frequência nas falas masculinas, em ambas as idades “*Eu já participei, já fui da diretoria. Atualmente não, mas infelizmente só vou para culto mesmo*” CM8 (34 anos). Dados como os apresentados nos relatos acima confirmam os registros bibliográficos sobre o grupo produzidos quatro décadas antes (Droogers, 1984; Foerste & Jacob, 1997; Wagemann, 1949; Roche, 1969).

Como é possível notar, esse conjunto de informações apresentadas formam um quadro no qual se destaca o que pode ser chamado de coletividade dentro do grupo de pertença – coletividade essa que marca os eventos religiosos e está representada no hábito de visitas aos vizinhos e aos parentes, e que deve ser vista como uma característica identificadora do grupo, do modo de ser e de se relacionar dos seus integrantes. De forma concordante com esse quadro, os momentos de lazer constituem a oportunidade de exercitar essa sociabilidade, considerando que nas situações cotidianas habituais essa

oportunidades são escassas. Não houve menção a lazer na ausência de situação social, pois mesmo quando foi mencionada a atividade de ouvir música, o respondente especificou uma situação na qual todos os familiares tomam parte, compartilhando o momento. É possível perceber, nas informações sobre lazer, que a interação predominante se faz com pessoas que vivem em torno da propriedade, e não só com familiares, o que sugere predileção pelo compartilhamento do tempo com o grupo, mesmo em ocasiões de lazer.

Aos participantes do Grupo CAMPO foi perguntado se possuem parentes próximos (irmãos, tios, primos, filhos) que moram na sede de Santa Maria ou na região de Vitória, além de lhes ter sido solicitado falar sobre como é para eles a experiência de ir à cidade. As respostas a tais questões apresentaram diversas informações adicionais sobre lazer, o que determinou que elas fossem consideradas na presente seção.

Os resultados encontrados mostram que os participantes do grupo CAMPO possuem maior número de relativos residentes no próprio contexto rural, porém doze deles referiram possuir parentes na sede do município. Desses doze todos disseram encontrar seus parentes com pouca frequência, mas nem todos afirmaram conhecê-los e saber a localização de suas residências. Entre esses mesmos entrevistados, sete disseram possuir membros da família extensa residindo na capital, embora apenas dois visitem seus parentes e saibam onde moram. Fica claro que contato com membros da família extensa, na maioria dos casos, é limitado.

Além das visitas aos parentes e vizinhos, modalidade de lazer das mais expressivas entre os entrevistados, foram relatadas eventuais idas à cidade que se configuram como modalidade de lazer, quando se referem a passeios, festas ou compras. Excetuando essas ocasiões, o contato com a cidade é habitualmente referido como atividade relativa ao trabalho ou à saúde. Todos os 17 entrevistados mencionaram pelo menos um contato com a capital, e um deles é taxativo ao dizer que não mais vai à cidade. Dos que visitam a cidade, todos relatam que o fazem com baixíssima frequência. Os relatos dos entrevistados ilustram essas situações, registrando-se que seis deles relataram apenas uma ou duas viagens para lazer em locais como praia, shopping e pontos turísticos. As demais menções de deslocamento para a capital são referentes ao trabalho (escoamento da produção agrícola), no caso de seis entrevistados, ou viagens de acompanhamento de parentes enfermos - três ocorrências. Deslocamentos desse tipo para a capital são, portanto, mais frequentes do que os realizadas por lazer.

Um dos aspectos revelados nos dados sobre viagens à capital é a reafirmação da centralidade do trabalho na vida do grupo. A maior parte das viagens diz respeito ao trabalho e há pouco deslocamento relacionado ao lazer, mesmo quando se considera visitas aos parentes como lazer. Os dados também podem ser vistos como confirmação indireta do isolamento social dos entrevistados, especialmente das mulheres.

Considerações finais

As dimensões do trabalho dos entrevistados apresentadas ao longo do texto apontam sua importância como fator que relaciona ética e movimentos identitários no grupo estudado. Constata-se pela análise da rotina de trabalho, e pelo modo como o trabalho é organizado, que a ênfase de dedicação e investimento no trabalho colocam-no como atividade central para o grupo. Em decorrência de tal realidade, atividades de lazer são apontadas como atividades pouco relevantes e escassas, como pode ser notado na Tabela 1,

visto serem somente realizadas em um dia da semana, normalmente aos domingos ou quando o trabalho permite, uma vez que alguns entrevistados relatam não ter momentos de lazer devido à natureza de sua atividade não permitir qualquer dia de descanso, durante todo o ano.

A forte vinculação religiosa também se mostrou fator determinante para a composição de valores identitários no grupo, como pode ser constatado ao longo do texto pela alta frequência aos cultos dominicais e às atividades religiosas e sociais associadas. A vinculação religiosa pode ser entendida aqui também como vinculação aos valores protestantes históricos que privilegiam dedicação extrema ao trabalho e ao acúmulo de capital.

Contudo, percebe-se que a pertença ao grupo, à coletividade, está articulada com a vinculação ao trabalho, uma vez que este é colocado como um dos valores mais caros a todos os membros. O trabalho é fator preponderante na identificação do descendente de pomeranos, principalmente no tocante aos descendentes que continuam no campo. Ao longo do trabalho de coleta de dados contatou-se também que os trabalhadores descendentes que residem na sede do município, acumulam mais de uma atividade laboral, muitas vezes no comércio, setor em que a carga horária semanal de atividade ultrapassa as 44 horas oficiais, conforme informações colhidas no comércio local. Assim sendo, é possível dizer que a centralidade do trabalho como valor privilegiado e elemento identitário marcante, perdura no grupo de descendentes, mesmo quando a natureza do trabalho se modifica com a migração do ambiente rural para o urbano.

Referências

- Albuquerque, F. J. B. (2002). Psicologia Social e formas de vida rural no Brasil. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(1), 37-42.
- Aranha, G. (1902/2002). *Canaã*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Assis, I. O. A. (2008). *Relações diplomáticas oficiais de contato Brasil/Alemanha para preservação do meio ambiente e da qualidade de vida: um estudo sobre os lugares de interlocução ocupados por brasileiros e alemães, a partir da configuração de necessidades específicas* (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil.
- Bahia, J. (2000). *O tiro da Bruxa: identidade, magia e religião entre camponeses pomeranos do Espírito Santo* (Tese de doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bauer, M. W. (2002). Análise de conteúdo clássico: uma revisão. Em M. B. Bauer & G. Gaskell (Orgs.). *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Biasoli-Alves, Z. M. M., & Dias da Silva, M. H. G. F. (1992). Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. *Cadernos de Psicologia e Educação Paidéia*, 2, 61-69.
- Borges, L. O., & Yamamoto, O. H. (2004). O mundo do trabalho. Em J. C. Zanelli, J. E. Borges-Andrade & A. V. B. Bastos (Orgs.). *Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil* (pp. 24-62). Porto Alegre: Artmed.
- Bornkamm, K., & Ebeling, G. (1995). *Martin Luther: Ausgewählte Schriften*. Leipzig: Insel Verlag.
- Conterato, M. A., Gazolla, M., & Schneider, S. (2007). A dinâmica agrícola do desenvolvimento da agricultura familiar no Alto Uruguai, Rio Grande do Sul: suas metamorfoses e reações locais. Em J. P. Tonneau & E. Sabourin (Orgs.). *Agricultura familiar: interação entre políticas públicas e dinâmicas locais: ensinamentos a partir de casos*. Porto Alegre: UFRGS.
- Dreher, M. N. (1984). *Igreja e Germanidade: Estudo Crítico da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*.

São Leopoldo: Editora Sinodal.

- Droogers, A. (1984) *Religiosidade Popular Luterana: Relatório sobre uma pesquisa no Espírito Santo, em julho de 1982*. Rio Grande do Sul: Editora Sinodal.
- Droogers, A. (2008). Religião, identidade e segurança entre imigrantes luteranos da Pomerânea. *Revista Religião e Sociedade*, 28(1), 13-41.
- Fehlberg, J., & Menandro, P. R. M. (2011). Terra, Família e Trabalho entre Descendentes de Pomeranos no Espírito Santo. *Revista Barbarói*, 34, 80-100.
- Fialho, M. A. V. (2005). Agricultura familiar, produção orgânica e “novos rurais”: um estudo de caso no sul do Brasil. Em R. J. Moreira & M. J. Carneiro (Orgs.). *Identidades sociais: ruralidades no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Foerste, E., & Jacob, J. K. (1997). *Pommerhochtied: um casamento pomerano no Espírito Santo*. Vila Pavão: Prefeitura Municipal/Consulado Geral da República Federal da Alemanha.
- Fouquet, C. (1974). *O imigrante alemão e seus descendentes no Brasil: 1808 – 1824 – 1974*. São Leopoldo: Instituto Hans Staden.
- Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.
- Gasques, J. C., & Conceição, P. R. (2001). Transformações Estruturais da Agricultura e Produtividade Total dos Fatores. Em J. C. Gasques & P. R. Conceição (Orgs.). *Transformações da agricultura e políticas públicas*. Brasília: IPEA.
- Gertz, R. (1987). *O Fascismo no Sul do Brasil: Germanismo, Nazismo, Integralismo*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Götz, D., Haensch, G., & Wellmann, H. (2008). *Langenscheidt: Grosswörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. München: Langenscheidt Verlag.
- Granzow, K. (1982). *Sie wussten die Feste zu feiern: Pommersches Brauchtum*. Leer: Verlag Gerhard Rautenberg.
- Hees, U. (1986). Metamorfose de uma Igreja de Emigrantes: O sínodo Rio-Grandense de 1886 a 1969. Em J. Fischer (Org.). *Ensaio Luteranos: dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal.
- Heinemann, J. C. (2008). Bons soldados e excelentes agricultores. *IHUonline: Revista do Instituto Humanista Unisinos*, ed. 271. Retirado de www.unisinos.br/ihu.
- Hennig, M. (1986). Os auxílios de entidades evangélicas na Alemanha em prol dos evangélicos no Brasil, dos seus primórdios até o ano de 1900. Em J. Fischer (Org.). *Ensaio Luteranos: dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal.
- Keller, A. J. (2002). *Michaelis: Dicionário Escolar Alemão: Alemão-Português, Português – Alemão*. São Paulo: Melhoramentos.
- Koch, W. (2003). A escola evangélica teuto-brasileira. Em N. A. Fiori (Org.). *Etnia e educação: a escola “alemã” do Brasil e estudos congêneres*. Florianópolis: Unisul.
- Längin, B. G. (1995). *Unvergessene Heimat Pommern: Städte, Landschaften und Menschen auf alten Fotos*. Aursgurg: Weltbild Verlag.
- Marques, M. I. M. (2008). A atualidade do uso do conceito de camponês. *Revista NERA*, 11(12), 56-67.
- Pacheco, R. (1964). Colonos Alemães no Espírito Santo: Progresso ou Estagnação? *Anais do I Colóquio de Estudos Teuto-brasileiros*, Porto Alegre, RS, Brasil, 238-245.
- Pacheco, R. (1994). *Estudos Espírito-Santenses*. Vitória: Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.
- Paiva, A. R. (2003). *Católico, Protestante, Cidadão: Uma Comparação entre Brasil e Estados Unidos*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: UFMG/Iuperj.
- Pereira, W. C. C. (2001). *Nas trilhas do trabalho comunitário e social: teoria, método e prática*. Belo Horizonte: Vozes/PUC Minas.
- Roche, J. (1968). *A colonização Alemã no Espírito Santo*. São Paulo: Edusp.

- Roche, J. (1969). *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo.
- Rölke, H. R. (1996). *Descobrendo raízes: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânea*. Vitória: Secretaria de Produção e Difusão Cultural da UFES.
- Rosa, M. V. F. P. C. (2006). *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismo para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Saletto, N. (1996). *Trabalhadores nacionais e imigrantes no mercado de trabalho do Espírito Santo (1888-1930)*. Vitória: Edufes.
- Seyferth, G. (1981). *Nacionalismo e Identidade étnica: A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura.
- Seyferth, G. (2000). A colonização Alemã no Brasil: Etnicidade e Conflito. Em B. Fausto (Org.). *Fazer a América*. São Paulo: Edusp.
- Seyferth, G. (2004). A idéia de cultura teuto-brasileira: literatura, identidade e os significados da etnicidade. *Horizontes Antropológicos*, 10(22), 149-197.
- Seyferth, G. (2005). Imigração e (re)construção de identidades étnicas. Em H. Póvoa Neto & A. P. Ferreira (Orgs.). *Cruzando Fronteiras disciplinares: um panorama dos estudos migratórios*. Rio de Janeiro: Revan.
- Seyferth, G. (2009a). Imigrantes colonos: ocupação territorial e formação camponesa no Sul do Brasil. Em D. P. Neves (Org.). *Processos de constituição e reprodução do campesinato no Brasil. Vol. II: Formas dirigidas de constituição do campesinato*. São Paulo: Unesp.
- Seyferth, G. (2009b). Colonização Européia, campesinato e diferenciação cultural no Vale do Itajaí (SC). Em E. P. Godoi, M. A. Menezes & R. A. Marin (Orgs.). *Diversidade do Campesinato: expressões e categorias. Vol. I: Construções identitárias e sociabilidades*. São Paulo: Unesp.
- Schwarz, F. (1993). *O Município de Santa Maria de Jetibá*. Vitória: Edição do Autor.
- Tajfel, H. (1982). Social Psychology of Intergroup Relations. *Annual Reviews of Psychology*, 33, 1-39.
- Tajfel, H. (1983). *Grupos Humanos e Categorias Sociais: estudos em Psicologia Social* (Vol. 2). Lisboa: Livros Horizonte.
- Thies, V. G. (2008). Uma cultura ameaçada. *IHUonline: Revista do Instituto Humanista Unisinos*, ed. 271. Recuperado de www.unisinos.br/ihu.
- Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis: Vozes.
- Vogt, O. P. (2009). Sociedade de Lanceiros e de Atiradores: caráter recreativo e não paramilitar. Em M. A. S. Costa, M. N. Dreher & E. M. Carvalho (Orgs.). *Explorando Possibilidades: Experiências e interdependências sociais entre imigrantes alemães, seus descendentes e outros mais no Brasil Meridional*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.
- Wachholz, H. (2008). Triglawa: a proteção pomerana. *IHUonline: Revista do Instituto Humanista Unisinos*, ed. 271. Recuperado de www.unisinos.br/ihu.
- Wagemann, E. (1949). *A colonização alemã no Espírito Santo*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Weber, M. (1905/2007). *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret.
- Weber, L., & Dessen, M. A. (2009). *Pesquisando a Família: Instrumentos para coleta e análise de dados*. Curitiba: Juruá.
- Willems, E. (1980). *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. São Paulo: Nacional.

Apresentação: 02/06/2013
Aprovação: 15/07/2013